

MEMÓRIA TOPONÍMICA DOS VIAJANTES NATURALISTAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX E A ESTRADA REAL

Francisco de Assis Carvalho

RESUMO: Por meio da Toponímia, cujo objeto de estudo é a origem do significado dos nomes dos lugares, pode-se analisar a estreita relação que se estabelece entre o homem e o *topos* que designam o espaço que o circunscreve. Este trabalho centra-se no estudo dos topônimos da Estrada Real tendo por base os relatos dos *Viajantes Naturalistas* dos séculos XVIII e XIX que passaram por estes caminhos.

Palavras-Chave: Nome; Memória Toponímica; Estrada Real; Viajantes Naturalistas.

A Toponímia é o estudo dos nomes atribuídos ao espaço habitado pelo ser humano. A palavra é derivada dos termos gregos τόπος (*tópos*), lugar, e ὄνομα (*nome*), literalmente, o nome de um lugar. É pela linguagem, pelo processo de nomear as coisas e tudo o que existe que o ser humano representa o “espaço”. Para Piaget (1948), a construção do espaço ocorre desde o nascimento do indivíduo e é paralela às demais construções mentais, constituindo-se com a própria inteligência. Essa construção se processa progressivamente, nos planos perceptivo e representativo. Inicialmente, a construção do espaço prende-se a um espaço sensório-motor ligado à percepção e à motricidade. Este espaço sensório-motor emerge dos diversos espaços orgânicos. O espaço sensório-motor não é constituído por simples reflexos, mas por uma interação entre o organismo e o meio-ambiente, perante a qual o sujeito se organiza e se adapta continuamente em relação ao objeto. Em seguida, a construção do espaço passa a ser representativa, coincidindo com o aparecimento da imagem e do pensamento simbólico, que são contemporâneos ao desenvolvimento da linguagem. Assim, o espaço torna-se “representativo”. Ele é ordenado e sistematizado pelas capacidades simbólicas do sujeito perceptivo. Este, para ordenar e definir o espaço nomeia as coisas e os lugares, numa tentativa de ordenamento e sistematização.

O processo de nomeação do espaço é uma atividade privilegiada que permite ver as profundas relações que o cérebro humano desenha no espaço; ou seja; a espacialidade em que se desenrola a nomeação constitui-se numa dimensão simbólica da forma como o cérebro interpreta as configurações espaciais. Na verdade, um topônimo é uma porção delimitada de espaço que está representado numa palavra. Ele traduz a maneira como alguém se “apropriou” do espaço, as suas concepções e a forma como se relacionava com o mundo. Ao se apropriar do espaço, nomeando-o, o ser humano revela-se. Por isso, no processo de nomeação presentifica-se um caráter simbólico e figurativo. Despontam, assim, as ideologias e as crenças. Destarte, o estudo da nomeação dos lugares mostra que a espacialidade é o laço que ata a linguagem à experiência que o ser humano constrói sobre o mundo. O topônimo é sempre a expressão de um conceito. O estruturalismo linguístico defende que tudo o que é conceitual só o pode ser pela linguagem. A primeira noção de espaço que o homem tem lhe é dada por sua língua. Como a língua é aprendida na infância, nós não temos consciência de como conceituamos o espaço. “Vamos pela vida afora pensando, raciocinando e vivendo, usando aquelas noções que a língua nos fornece.” (PONTES, 1992, p. 11).

De fato, a natureza peculiar desses nomes e sua transcendência social encontram-se na base da curiosidade que despertam quando falamos de uma memória coletiva. Conforme o historiador Le Goff, a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. A memória coletiva é não somente uma conquista, mas é também um instrumento e um objeto de poder. (LE GOFF, 2003, p. 470). O estudo científico da memória coletiva encontra na toponímia um rico material de estudo. Na expressão de Le Goff: “Esses materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador”. (2003, p. 525).

O estudo toponímico constitui-se como uma importante área de investigação, que tem como fundamento principal a ideia de que a nomeação de um espaço não se dá de maneira aleatória ou despropositada, mas que esse processo denominativo, ao ser investigado, pode revelar importantes informações referentes à língua em uso e aos costumes e valores preponderantes na conduta dos falantes contribuindo assim, de maneira mais profunda, para um melhor conhecimento dos determinantes culturais da região investigada. Em face desta primeira observação sobre a importância do estudo toponímico, parece pertinente salientar que a pesquisa toponímica é um estudo instigante, que envolve conhecimentos geográficos, linguísticos, históricos e sociais e um olhar atento, já que sempre há muitas informações que se interpenetram e merecem interpretação, uma vez que a descrição dos aspectos culturais de uma região é uma árdua tarefa que exige método e estudo dedicado.

O ouro e a Estrada Real

O roteiro da Estrada Real elucida a importância da exploração do ouro para a economia brasileira e traz à memória fatos históricos que se ligam ao surgimento das primeiras vilas mineiras e à Inconfidência, bem como ao tempo do Império no Brasil. Esta rota movimentou, por mais de 150 anos, a economia do País, tornando a região das Minas Gerais uma das mais importantes da América.

Os quatro caminhos que compõem a Estrada Real surgiram em tempos históricos diferenciados e sucessivos: a primeira via ligando a antiga Vila Rica, hoje Ouro Preto, ao porto de Paraty, ficou conhecida como “Caminho Velho”. O Caminho Velho foi aberto pelos bandeirantes em fins do século XVII. Tinha 600 km de extensão e seu trajeto ligava Vila Rica (Ouro Preto), em Minas Gerais, a Parati, cidade portuária do Rio de Janeiro. Devido aos assaltos e aos roubos que ocorriam neste caminho, foi necessária a abertura de uma rota mais segura e menos lenta. No século XVIII surgiu esta nova rota, que veio ligar o Rio de Janeiro à antiga capital das “Minas Gerais”, o chamado “Caminho Novo”. O Caminho Novo passou a ligar Vila Rica diretamente ao porto do Rio de Janeiro. Com a descoberta de diamantes na região do Serro Frio, em 1729, foi estabelecido o “Caminho dos Diamantes”, ligando Ouro Preto à atual Diamantina. O Caminho dos Diamantes foi de importância regional e começou a ser usado desde a descoberta das jazidas diamantíferas na região, no início do século XVIII, no chamado Distrito Diamantino. Neste percurso, a Coroa exerceu um severo controle com inúmeras proibições, ligando Vila Rica ao Arraial do Tijuco e à Vila do Príncipe. Paralelamente ao Caminho dos Diamantes surgiu o Caminho de Sabarabuçu, de curto trajeto. Este foi um prolongamento do Caminho Velho, tendo sido aberto pelos bandeirantes para facilitar o escoamento do ouro entre as vilas mineiras, hoje cidades de Sabará e Caeté.

O surgimento da Estrada Real no cenário da colônia causou o deslocamento do eixo econômico que, desde o descobrimento, localizava-se no litoral, para o interior, proporcionando a formação de uma civilização urbana, marcada pela criação de dezenas de vilas e cidades com matizes sociais e culturais diferentes.

A Memória dos Viajantes

Agregadas às designações toponímicas da Estrada Real estão, também, os escritos e os relatos dos viajantes que passaram por esses caminhos no século XIX. Os textos de viagem apresentam a especificidade de consubstanciar, na linearização verbal, referências das vilas e povoados por onde esses viajantes passaram, deixando os registros dos nomes que encontraram e, também, as impressões do que viram. Buscamos elementos para proceder um estudo toponímico na tentativa de perceber as mudanças e as evoluções ocorridas ao longo do tempo da constituição e configuração dos topônimos.

Os relatos dos viajantes constituem uma fonte documental valiosa, já que suas impressões, ainda que estejam moldadas por uma cultura europeia, permitem estabelecer um paralelo histórico entre o hoje e o ontem, na tentativa de descrever historicamente como a toponímia se formou, e as modificações que sofreu ao longo do tempo. Pela limitação de espaço, e para um melhor entendimento histórico e biográfico dos principais Viajantes Naturalistas, traçamos no Quadro 1 as seguintes caracterizações:

Viajantes	Identificação	Obras	Descrição/Relatos
John Mawe (1809)	Viajante e comerciante inglês que a mandato do Conde de Linhares foi verificar a existência de prata na região de Cantagalo – RJ.	<i>Viagens ao Interior do Brasil</i>	Relata o percurso da sua viagem do Rio de Janeiro ao Arraial do Tejuco, comentando as condições de pouso e detalhando o que vê nos lugares por onde passa.
Saint-Hilaire (1816 a 1822)	Naturalista francês que consagrou seis anos inteiros a percorrer uma vasta porção do Império do Brasil. Botânico, coletou nas suas viagens cerca de 30.000 exemplares de plantas representando mais de 7.000 espécies, muitas desconhecidas pelos cientistas da época. É o viajante que mais deixou registros sobre o percurso da Estrada Real.	1. <i>Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás</i> 2. <i>Viagem pelo Distrito dos Diamantes e litoral do Brasil</i> 3. <i>Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais</i> 4. <i>Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo</i>	Em seus relatórios das viagens empreendidas para a região da Estrada Real, Saint-Hilaire mostra-se como um minucioso cientista em descrições apaixonantes do que viu. Viajou por caminhos variados e diferentes. Passou por toda a zona aurífera, entrando nas encostas da Serra do mar e na bacia do Paraíba. Viajou ao norte e ao sul de Minas. Conta os detalhes da extração do ouro e como trabalhavam os negros nos garimpos da zona diamantina.
Von Martius e Von Spix	O zoólogo J.B. Von Spix e o botânico: C. F. P. von Martius chegaram ao Brasil por ocasião do casamento de D. Leopoldina com D. Pedro I. Naturalistas	<i>Viagem pelo Brasil</i>	Descrevem as matas das regiões de Minas Gerais, suas montanhas e campos a partir da serra de Ouro Branco e as montanhas auríferas da Cata-Branca, os arvoredos de

(1817 a 1820)	alemães, ambos permaneceram no Brasil 3 anos.		Minas Novas e o <i>Caminho Velho</i> com o seu entorno.
George Gardner (1836 a 1841)	Médico e Botânico britânico. Em suas viagens pelo Brasil colecionou cerca de 60.000 espécies de plantas que levou para os museus da Inglaterra.	<i>Viagem ao Interior do Brasil</i>	Em 1936 iniciou uma viagem para o norte do Brasil a partir do Rio de Janeiro e passou por Minas Gerais quando retornava. Descreve as minas de ouro e as velhas povoações já decadentes pelo declínio da produção aurífera.
Francis Burton (1868)	Viajante, poliglota e estudioso dos costumes, Burton é um escritor britânico que foi consul no Brasil de 1865 a 1868.	<i>Viagens aos Planaltos do Brasil</i>	Esteve em Santos, São Paulo e Minas Gerais. Em sua obra deixou preciosas observações acerca da escravidão e dos costumes no Brasil.
Castelnau (1843)	Naturalista francês que esteve no Brasil no período de 1837 a 1841 com outros pesquisadores. Consul francês na Bahia em 1848.	<i>Expedição às regiões centrais da América do Sul</i>	Partiu do Rio de Janeiro (1843) em uma falua pelo rio Inhomirim. Relata as condições sobre o caminho até Vila Rica.

Quadro 1 – Viajantes Estrangeiros na Estrada Real

Nas regiões da Estrada Real esses naturalistas e viajantes foram os primeiros a se interessar pelos acontecimentos relacionados aos centros de mineração e às riquezas vegetais, animais e humanas. O olhar desses viajantes estendeu-se além da cobiça do ouro e das pedras preciosas, descobrindo “outros tesouros” da terra brasileira. As localidades cujas origens se prendem ao ciclo das minas eram, então, as mais florescentes. Muitos acontecimentos haviam marcado essas vilas e cidades que eram na altura as mais populosas de Minas Gerais. Por isso, o olhar dos viajantes voltou-se também para além das minas. Nos seus escritos despontam diferenciações sobre as pequenas localidades e o homem que vivia nas cidades da zona de mineração. A historiografia brasileira deve a eles essa dimensão do olhar voltado para o interior e para os grupos e segmentos que se formaram ao redor de toda a movimentação trazida pela descoberta do ouro. Diante dos relatos sobre os caminhos do ouro e a sua formação geográfica, podemos perceber as pulsações do social e recortar a personificação do regional, no ir e vir entre o nosso objeto de conhecimento que é a toponímia dos povoados, distritos, vilas e cidades da Estrada Real. No quadro seguinte traçamos uma síntese das marcas toponímicas registradas por eles com a finalidade de tecermos algumas considerações.

TOPÔNIMO ATUAL	TOPÔNIMOS REGISTRADOS PELOS VJN
CAMINHO VELHO	
AIURUOCA	Juruoca (Saint-Hilaire); Montanha de Juruoca (Spix & Martius)
ALTO MARANHÃO	Vila de Redondo (Burton)
APARECIDA	Capella de N. S. de Aparecida (Saint-Hilaire)
AREIAS	Vila de Areias (Spix & Martius)
BAEPENDI	Baependy (Saint-Hilaire)
BANANAL	Freguesia de Bananal (Spix & Martius), Aldeia do Bananal

	(Saint-Hilaire)
CACHOEIRA PAULISTA	Porto da Cachoeira (Saint-Hilaire)
CAMPANHA	Vila da Campanha (Spix & Martius); Cidade da Campanha (Saint-Hilaire); Aldeia de Campanha (Mawe)
CARRANCAS	Villa de Carrancas / Serra das Carrancas (Saint-Hilaire)
CONGONHAS	Congonhas (Saint-Hilaire); Aldeia de Congonhas (Casteunau); Congonhas (Burton)
CRUZÍLIA	Encruzilhada (Saint-Hilaire)
GUARATINGUETÁ	Guaratinguetá (Spix & Martius); Guaratinguetá (Saint-Hilaire).
ITANHANDU	Rio Verde (Spix & Martius).
JECEABA	Camapoã (Saint-Hilaire); Camapoão (Burton).
LAGOA DOURADA	Lagoa Dourada (Saint-Hilaire); Santo Antonio de Alagoa (Burton); Lagoa Dourada (Spix & Martius).
LAVRAS	Arraial das Lavras do Funil (Spix & Martius).
LORENA	Vila de Lorena / Guaipacaré (Spix & Martius); Villa de Lorena (Saint-Hilaire).
PASSA QUATRO	Passa Quatro (Saint-Hilaire).
PINDAMONHANGABA	Pendamhoongabo / Pindamonhangaba (Spix & Martius).
POUSO ALTO	Pouso Alto (Saint-Hilaire).
RITÁPOLIS	Aldeia de Santa Rita (Saint-Hilaire) Santa Rita (Burton); Santa Rita (Castelnu).
SÃO BRÁS DO SUAÇUÍ	Aldeia de Suaçuí (Saint-Hilaire).
SÃO JOÃO DEL REI	São João d'El-Rei (Spix & Martius); S. João d'El Rei (Saint-Hilaire); São João del-Rei (Mawe); Arraial do Rio das Mortes (Burton); Rio das Mortes (Castelnu).
SÃO TOMÉ DAS LETRAS	SERRA DAS LETRAS Serra das Letras (Spix & Martius).
TAUBATÉ	Taubaté (Spix & Martius); Vila de Tauhaté (Saint-Hilaire).
TIRADENTES	Cidade de São José (Spix & Martius); S. José (Saint-Hilaire).
TRAITUBA	Rancho da Traituba / Traituba (Saint-Hilaire).
CAMINHO NOVO	
BARBACENA	Vila de Barbacena (Saint-Hilaire); Arraial da Igreja Nova da Borda do Campo (Castelnu); Barbacena (Burton); Capela Nova Capela Nova (Castelnu).
CARANDAÍ	Carandaí (Saint-Hilaire); Carandaí (Castelnu); Caraandaí (Burton).
CIPOTÂNEA	Arraial de São Caetano (Gardner); São Caetano (Mawe).
CONSELHEIRO LAFAIETE	Queluz (Saint-Hilaire); Queluz (Castelnu).
JUIZ DE FORA	Juiz de Fora (Saint-Hilaire); Santo Antônio de Paraibuna (Burton); Fazenda de Juiz de Fora (Mawe).
MAGÉ	Magé (Castelnu).
MATIAS BARBOSA	Matias Barbosa (Saint-Hilaire); Capela de Matias Barbosa (Burton).
OURO BRANCO	Ouro Branco (Spix & Martius); Arraial de Ouro Branco (Saint-Hilaire); Santo Antônio de Ouro Branco (Mawe); Ouro Branco (Castelnu); Santo Antônio (Burton).
PETRÓPOLIS	São Pedro de Alcântara / Petrópolis (Burton).
PIRANGA	Arraial de Piranga (Gardner); Aldeia de Piranga (Mawe).
RESSAQUINHA	Ressaquinha (Mawe); Rancho de Ressaquinha (Castelnu).
RIO DE JANEIRO	Rio de Janeiro / São Sebastião (Spix & Martius); Rio de Janeiro (Saint-Hilaire); Baía do Rio de janeiro (Burton).
RIO POMBA	Aldeia de Rio do Pomba (Saint-Hilaire).
SANTA RITA DO IBITIPOCA	Villa de Ibitipoca (Saint-Hilaire); Ibitipoca (Burton).
SANTOS DUMONT	Vila Campestre João Gomes (Burton).
SECRETÁRIO	Pegado, Secretário (Saint-Hilaire).
SIMÃO PEREIRA	Rocinha de Simão Pereira (Saint-Hilaire); Aldeia de Simão Pereira (Burton).
TRÊS RIOS	Entre-Rios (Burton).
CAMINHO DOS DIAMANTES	

ALVORADA DE MINAS	Arraial do Rio do Peixe (Spix & Martius).
BARÃO DE COCAIS	S. João do Morro Grande (Saint-Hilaire); Arraial de São João do Morro Grande (Gardner).
BARRA LONGA	São José da Barra Longa (Mawe).
BENTO RODRIGUES	Bento Rodrigues (Saint-Hilaire); Arraial de Bento Rodrigues (Gardner).
CACHOEIRA DO CAMPO	Cachoeira (Castelnu).
CAMARGOS	Povoação de Camargos (Saint-Hilaire); Arraial de Camargos (Gardner); Camargo (Mawe).
CATAS ALTAS	Catas Altas de Mato Dentro (Saint-Hilaire); Aldeia de Catas Altas (Mawe); Arraial de Catas Altas (Gardner).
CHAPADA	Arraial de Chapada (Spix & Martius); Alto da Chapada (Mawe).
COCAIS	Povoado de Cocais (Spix & Martius); Aldeia de Cocais (Saint-Hilaire); Arraial de Cocais (Gardner).
CONCEIÇÃO DO MATO DENTRO	Arraial da Conceição (Spix & Martius); Povoação de Conceição (Saint-Hilaire); Arraial de N. S. da Conceição do Mato Dentro (Gardner); Aldeia de Conceição (Mawe).
CONGONHAS DO NORTE	Congonhas da Serra / Congonhas / Aldeia (Saint-Hilaire).
COUTO DE MAGALHÃES DE MINAS	Arraial do Rio Manso (Spix & Martius).
DIAMANTINA	Tijuco (Spix & Martius); Tijuco (Saint-Hilaire); Arraial de Tijuco (Gardner); Tijuco (Mawe); Diamantina (Burton).
GOUVEIA	Gouveia (Burton).
ITABIRA	Pico de Itabira (Spix & Martius); Itabira de Mato Dentro / Povoação de Itabira (Saint-Hilaire); Povoado de Itabira (Castelnu).
ITAMBÉ DO MATO DENTRO	Monte Itambé (Spix & Martius); Povoação de Itambé (Saint-Hilaire); Arraial de Itambé (Gardner); Itambé (Mawe); Pico do Itambé (Burton).
LAGOA SANTA	Lagoa Santa (Spix & Martius).
MARIANA	Cidade de Mariana (Saint-Hilaire); Cidade de Mariana (Gardner); Mariana (Castelnu).
MILHO VERDE	Arraial do Milho Verde (Spix & Martius); Aldeia de Milho Verde (Saint-Hilaire).
MORRO DA ÁGUA QUENTE	Povoado de Morro da Água Quente (Saint-Hilaire).
MORRO DO PILAR	Morro de Gaspar Soares (Spix & Martius); Povoação do Morro de Gaspar Soares / Morro de Nossa Senhora do Pilar (Saint-Hilaire); Arraial do Morro de Gaspar Soares (Gardner).
OURO PRETO	Vila Rica (Spix & Martius); Vila Rica (Saint-Hilaire); Ouro Preto (Gardner); Ouro Preto (Castelnu); Vila Rica (Mawe).
SANTA BÁRBARA	Aldeia / Povoação de Santa Bárbara (Saint-Hilaire).
SANTA LUZIA	Vila de Santa Luzia (Gardner); Santa Luzia (Burton).
SANTA RITA DURÃO	Inficionado (Spix & Martius); Inficionado (Saint-Hilaire); Arraial Inficionado (Gardner).
SANTO ANTÔNIO DO NORTE	Tapera (Saint-Hilaire).
SÃO BARTOLOMEU	Aldeia de S. Bartolomeu (Saint-Hilaire).
SÃO GONÇALO DO RIO ABAIXO	Aldeia de São Gonçalo (Spix & Martius).
SERRO	Vila do Príncipe (Saint-Hilaire); Vila do Príncipe (Spix & Martius); Cidade do Serro (Gardner); Vila do Príncipe (Mawe).
TRÊS BARRAS	Três Barras (Saint-Hilaire); Três Barras (Gardner).
CAMINHO DE SABARABUÇU	
ACURUÍ	Rio das Pedras (Spix & Martius).
BRUMADINHO	Aldeia de Brumado (Mawe); Arraial de Brumado (Gardner).
CAETÉ	Arraial de Caeté (Spix & Martius); Caeté (Saint-Hilaire); Vila de Caeté (Gardner).
ITABIRITO	Itabira do Campo (Burton).
MORRO VERMELHO	Morro Vermelho (Burton).
NOVA LIMA	Aldeia de Congonhas de Sabará (Saint-Hilaire); Arraial de

	Congonhas de Sabará (Gardner); Nossa Senhora do Pilar de Congonhas de Sabará (Burton).
RAPOSOS	Raposos (Gardner).
SABARÁ	Sabará (Spix & Martius); Vila de Sabará (Saint-Hilaire); Distrito de Sabará (Mawe); Cidade de Sabará (Castelnau).

Quadro 2: Registros Toponímicos dos VJN na Estrada Real

A análise dos registros toponímicos proporciona considerar que, nem sempre os topônimos foram grafados corretamente, uma vez que os viajantes não tinham o completo domínio da Língua Portuguesa. Outro fator complicador é que, às vezes, o mesmo topônimo vem grafado de forma diferenciada de autor para autor. Além disso, no uso corrente, várias localidades não eram designadas por seu nome completo. Isso acontecia, por exemplo, quando o topônimo oficial era demasiado longo. É preciso também levar em conta que o estrangeiro nem sempre estava em condições de perceber a diferença entre nome oficial e denominação cotidiana. Muitos viajantes foram surpreendentemente cuidadosos ao registrar os nomes das localidades pelas quais passavam, muitas delas ainda arraias nascentes, embriões de cidades que os poucos mapas produzidos à época sequer sonhariam em mencionar.

Encontramos diferenças de registro na grafia dos seguintes topônimos: Juruoca (Aiuruoca), Baependy (Baependi), Caancunha (Congonhas), Guarã / Guaráz (Guaratinguetá), Camapoã / Camapoão (Jeceaba), Guaipacaré / Guaypacaré (Lorena), Parati (Paraty), Pendamhoongabo (Pindamonhangaba), Saçuí / Suá Sucí / Suá-Suí (São Brás do Suaçuí, São João d'El Rei / São João del-Rei (São João Del Rei), Thaubaté / Tauhaté (Taubaté), Caraandaí / Grandái (Carandaí), Sebollas / Cebola (Inconfidência), Camargo (Camargos), Arrayal de Catas Altas / Arraial de Catas Altas (Catas Altas), Oiro Preto (Ouro Preto), Inficcionado / Inficionado (Santa Rita Durão), Cuité (Caeté), Capivarim (Capivari).

Os nomes de lugares que sofreram mudanças toponímicas mais evidentes e marcantes são: Redondo > Alto Maranhão; Santana das Areias > Areias; Vila da Princesa da Beira > Campanha; Encruzilhada < Cruzilha; Camapoã > Jeceaba; Guaypacaré > Lorena; Rio das Mortes > São João Del Rei; São José del Rei > Tiradentes; Arraial da Igreja da Borda do Campo > Barbacena; Guará da Paraíba > Paraíba do Sul; João Gomes > Santos Dumont; Pegado > Secretário; Arraial de São Pedro de Alcântara > Simão Pereira; Arraial do Rio do Peixe > Alvorada de Minas; São João do Morro Grande > Barão de Cocais; Tijuco > Diamantina; Arraial do Carmo > Mariana; Morro de Gaspar Soares > Morro do Pilar; Vila Rica > Ouro Preto; Inficcionado > Santa Rita Durão; Tapera > Santo Antônio do Norte; Vila do Príncipe > Serro; Rio das Pedras > Acuruí; Vila Nova da Rainha > Caeté; Arraial de Congonhas de Sabará > Nova Lima.

Considerações Finais

A Toponímia constitui-se como relevante marca cultural e expressa uma efetiva apropriação do espaço pelos grupos culturais. É ainda um poderoso elemento identitário porque articula história, linguagem, política territorial e identidade. A sua análise permite entrever o Léxico falado e escrito que camufla a memória das tradições e dos valores da identidade de um povo. A importância da utilização dos relatos de viagens para a compreensão das motivações toponímicas e das mudanças linguísticas ocorridas

fez emergir a perspectiva de uma análise para além da literatura, em que os textos se transformaram em fontes comprobatórias e em significativos documentos que forneceram não somente dados políticos e econômicos, mas também preciosas informações linguísticas sobre o *corpus* pesquisado. Na tentativa de resgatar a *memória toponímica* da Estrada Real afirmamos que a língua funciona afetada por uma memória do dizer, já que nomear um lugar, uma vila, uma cidade é, pois, rememorar a história dos fatos que motivaram o surgimento de um topônimo. Na expressão de Rancière (1994, p. 43). “as palavras da história são nomes”. Um nome é sempre uma fonte de sentido, o que faz da cultura uma forma diferente de identificar e recortar a realidade.

REFERÊNCIAS

- BURTON, F. R. *Viagens aos Planaltos do Brasil* – Tradução de Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1941.
- CASTELNAU, Francis. *Expedição às regiões centrais da América do Sul*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- DICK, M.V.P.A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, 1990.
- GARDNER, G. *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- LE-GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- MAWE, Jonh. *Viagens ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.
- PONTES, Eunice. *Espaço e Tempo na Língua Portuguesa*. Campinas: Pontes Editores, 1992.
- PIAGET, Jeanet INHELDER, Barbel. *La Representation de L’Espace chez L’Enfant*. Paris: PUF, 1948.
- RANCIÈRE, Jacques. *Os nomes da História*. Campinas: Pontes/Educ, 1994.
- SAINT-HILAIRE, A. *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo– 1822*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.
- SPIX, J.B. von; MARTIUS, C.F.P. von. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.